

Filhos¹

“[...] o Espírito da criança pode ser muito antigo e que traz, renascendo para a vida corporal, as imperfeições de que se não tenha despojado em suas precedentes existências. [...]”²



Clara Lila Gonzalez de Araújo

claralilazez@gmail.com

Ensina-nos a Doutrina Espírita que o filho que não possui afinidades com os nossos gostos ou sentimentos, decepcionando-nos quanto à conduta em desacordo com a educação e os cuidados amorosos e sinceros que lhes dispensamos, é um companheiro ou companheira de outras existências terrestres a exigir-nos enormes desvelos, por meio de novas experiências materiais para cumprimento dos desígnios divinos, necessários para o bem dele, visto que a passagem pela Terra lhe auxilia o desenvolvimento moral e intelectual.

Esses Espíritos que acolhemos jubilosos em nosso lar, mas que nos tornam inseguros sobre os cuidados que devemos ter para com eles, nem sempre

são concordantes com os preceitos de justiça e de amor ao próximo que lhes aplicamos, transformando-se em pessoas difíceis. Alguns filhos exigem que os pais assumam atitudes especiais, como prova de amor – um amor de qualidade superior –, mesmo que eles não consigam perceber esse sentimento e sem aceitar o carinho transmitido por aqueles que os amam, que tentam neutralizar conflitos familiares, nos quais o uso da agressividade poderia significar falta de afeto e de compreensão entre eles.

Sem esquecer que o reduto familiar é crisol reparador e sublime para os resgates que ameaçamos, devemos ter resignação e coragem, na busca das melhores soluções que nos permitam

ajudar esses Espíritos reencarnados com os quais assumimos compromissos inadiáveis para promover, essencialmente, uma educação que ataque com veemência certos problemas de conduta surgidos na infância, entre eles: desobediência, cólera, insolência, preguiça, ciúme excessivo, maus modos, arrivismo, maldade etc., impedindo-os de praticá-los desde cedo. A omissão dessa verdade irá nos custar provas difíceis que haveremos de enfrentar, quando nossos filhos se tornarem adultos.

Entretanto, as imperfeições que geram os defeitos em nossas crianças e adolescentes devem ser avaliadas com desvelo e cuidado, para não considerarmos todas as manifestações indevidas dos filhos como erros graves, o

que é inadmissível na fase infantil. Mesmo porque não devemos esquecer que certas expressões da criança demonstram profundos conflitos vividos no ambiente doméstico, como resultante da falta de equilíbrio na relação entre os pais. Em certos lares, são eles os provocadores dos problemas enfrentados pelos filhos, causando-lhes traumas e inquietações.

O Espiritismo nos adverte a respeito da necessidade de não negligenciarmos o acompanhamento dos nossos filhos. Observá-los atentamente e descobrir suas aspirações, possibilidades e fraquezas morais é imposterável por parte dos pais. O que neles predomina? Que tipos de sentimentos os caracterizam como pessoas? São bons ou ruins? Inteligentes, ou de capacidades cognitivas medianas? É possível verificar neles certo grau de adiantamento moral? Possuem imperfeições que ainda necessitam ser corrigidas? Essa avaliação nada tem de absoluta, mesmo porque dificilmente poderemos conhecer nossos filhos em caráter definitivo.

Crianças são argilas maleáveis; vamos moldá-las descobrindo suas necessidades e estimulando suas aptidões. Por que não transmitirmos aos filhos, na fase adequada da meninice, os esclarecimentos elucidativos da Doutrina, orientando-as de acordo com o seu nível de compreensão?

Somos espíritas e não podemos ter dúvidas quanto à importância dos preceitos doutrinários que aprendemos; não dar à prole a chance de conhecê-los na puerícia seria negligenciar o nosso compromisso como pais!

Entretanto, a despeito dos princípios doutrinários que nos chegam do Espiritismo, não obtemos resultados mais significativos na formação moral das crianças e dos jovens que educamos e, a cada dia, surpreendemos a diversidade que surge da maneira pela qual a *moralidade* é interpretada, sobretudo a que se origina de transformações sociais profundas e que influenciam os procedimentos de toda uma geração, nem sempre compatíveis com os costumes que conhecemos, e que interferem na transmissão de ensinamentos para a aquisição de hábitos salutareos que tentamos infundir aos nossos filhos. Por essa razão, unicamente, hábeis sermões dirigidos a eles não são suficientes para uma educação moral eficaz.

Precisamos manter as atitudes que assumimos ao nos identificarmos com os ensinamentos da Doutrina Consoladora – teorias que nascem da reflexão pura e sincera e que se transformam em práticas conscientes a serem aplicadas nas experiências do cotidiano, de maneira espontânea, natural, tanto na vida privada, como em sociedade. Significa motivar

nossos filhos para aquisição de qualidades essenciais, baseadas na ética e na moral dos costumes. Cabe-nos compreender o verdadeiro pensamento do Espiritismo, sem termos dúvidas de segui-lo, e envia esforços para que a ação a ser exemplificada, no ato de corrigir os nossos filhos, possibilite a sua tomada de consciência sobre o que queremos ensinar. Por exemplo: quando falamos em ecologia, precisamos demonstrar para eles como agir, na prática, em benefício da Natureza.

Em uma das obras de Aristóteles (384–322 a.C.), *Ética a Nicômaco*, que constitui sua teoria mais ordenada a respeito dos valores morais, ele analisa a virtude não como um conhecimento, mas um *hábito voluntário* (*hexis proairetikê*) e em uso:

Em outros termos, não se trata de uma predisposição natural, mas de algo que resulta de uma atividade e de um exercício perseverante e que não se adquire mediante o ensino, mas pela prática. A ética do homem se forma a partir do hábito, que significa familiaridade e essa ética se adquire, primeiramente, no interior da família e depois na cidade-Estado, que legisla tendo em vista a educação dos cidadãos.³

Ponderação corroborada por Allan Kardec que, ao destacar a prevalência da educação moral,

afirma não se referir “à educação moral pelos livros e sim à que consiste na *arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto de hábitos adquiridos.* [...]”⁴ Há, pois, necessidade de estimular nossos filhos ao exercício da prática de ações que possam estimulá-los a agir com honestidade, justiça e caridade. Ajudá-los para se tornarem espíritas ativos, incentivando-os às boas maneiras e organizando atividades cotidianas de modo fértil, fazendo com que desenvolvam suas experiências na vida social e familiar, de forma equilibrada e saudável.

Kardec, exímio educador, exalta, pelo exemplo, as explicações para aquisição de virtudes que o Cristo ensinou, ao oferecer-nos rica metodologia de como educar os seres sob a nossa guarda. No capítulo 13, item 4, de *O evangelho segundo o espiritismo*, lega-nos extraordinária lição:

Quem é esta mulher de ar distinto, de traje tão simples, embora bem cuidado, e que traz em sua companhia uma mocinha tão modestamente vestida? Entra numa casa de sórdida aparência, onde sem dúvida é conhecida [...]. À sua chegada, refulge a alegria naqueles rostos emagrecidos. É que ela vai acalmar ali todas as dores. [...]

[...] Por que se faz acompanhar da filha? Para que aprenda como se deve praticar a beneficência. [...] A mãe, porém, lhe diz: “[...] Quando visitamos os doentes, tu me ajudas a tratá-los. Ora, dispensar cuidados é dar alguma coisa. [...] Aprende a fazer obras úteis e confeccionarás roupas para essas criancinhas. Desse modo, darás alguma coisa que vem de ti.” [...]”⁵

Esse modelo de como ministrar lições de cunho moral, que exaustivamente repetimos verbalmente aos filhos, contrapõe-se à maneira repressiva de educar. Devemos nos precaver para não aumentar, excessivamente, a carga que pesa sobre os ombros daqueles que criamos, ao querer que demonstrem conduta moral irrepreensível, sem ainda terem clara consciência de como manifestar isso. Ao auxiliarmos para que se tornem pessoas melhores, precisamos incentivá-los a pensar sobre a atitude a ser praticada, desenvolvendo posturas que os façam ter iniciativa nas realizações voltadas para o *bem proceder*, sem esperar, contudo, que conquistem expressivo progresso moral em apenas uma existência, de acordo com os ensinamentos espíritas.

Aconselha-nos Kardec a estudar de maneira perspicaz a natureza moral dos filhos:

[...] Cabe à educação combater as más tendências. Fa-lo-á

utilmente, quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem a natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene.⁶

Há, portanto, um terreno acessível e que espera boa sementeira de nossa parte, sem deixar-nos abater pelos percalços que surjam no decorrer do plantio. Quando alguém se convence de que tem filhos muito difíceis, aventura-se a torná-los piores do que o seriam com pais mais otimistas.

REFERÊNCIAS:

¹ Texto publicado In: ARAÚJO, Clara Lila G. de. *Apelo aos pais: importância da educação espírita-cristã de crianças e jovens*, Campinas (SP): Editora Allan Kardec, 2018.

² KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. [Edição Histórica]. Brasília: FEB, 2017. cap. 8, it. 3.

³ HOURDAKIS, Antoine. *Aristóteles e a educação*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2001. *A etologia da educação*, p. 56.

⁴ KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 2. imp. [Edição Histórica]. Brasília: FEB, 2016. Comentário de Kardec à q. 685 e 685-a.

⁵ _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp. [Edição Histórica]. Brasília: FEB, 2017.

⁶ _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 2. imp. [Edição Histórica]. Brasília: FEB, 2016. q. 872 – Resumo teórico do móvel das ações humanas.

Solidão e isolamento social



Marta Antunes Moura

martaantunes@febnet.org.br

Segundo as ciências médicas e psicológicas, *solidão* reflete não apenas a condição de alguém se sentir só, mas o estado clínico de medo, ansiedade, depressão ou tristeza. Tal comportamento contraria o conceito biológico de que o homem é por natureza um animal gregário, isto é, submete-se a um processo evolutivo comum a todas as espécies, microbiana, vegetal e animal, processo, porém, mais facilmente identificado nos animais:

O *gregarismo* é uma estratégia protetora observada em diversos grupos de animais que se agrupam em populações mais ou menos estruturadas, permanentes ou temporárias, visando a proteção dos indivíduos que a

compõem. É distinta de *multi-dão*, na medida que esta última é um agrupamento espontâneo e esporádico que se produz devido ao efeito de estímulos ambientais.¹

Sintonizados com este princípio, os orientadores da Codificação Espírita informam que a vida em sociedade é Lei da Natureza, pois “[...] Deus fez o homem para viver em sociedade. Não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação”.² Quanto ao *isolamento social*, este independe da *solidão*, podendo ou não ser a ela vinculada. Em termos conceituais o isolamento social caracteriza o comportamento de uma pessoa que deixa de participar, volun-

tariamente ou não, de qualquer atividade social. Dois principais fatores conduzem o indivíduo ao afastamento da convivência social: a) condição clínica de medo de interagir com outro indivíduo – situação que pode indicar algum distúrbio psíquico ou comportamental mais ou menos acentuado; b) simples expressão do individualismo ou do egoísmo.

[O isolamento social] é [...] um fenômeno geralmente observado na população idosa, sem-teto ou grupos com pouca mobilidade, entretanto, não é limitado a estes, podendo ser observado em outras faixas etárias, grupos sociais e em grandes cidades, onde o contato social teoricamente é maior.